

SISTEMA POLÍTICO INTERNACIONAL E GLOBALIZAÇÃO:  
CONTINUIDADE OU ROTURA?

Artur Jorge Abreu Varanda <sup>1</sup>

Aspirante-Aluno de Artilharia, Academia Militar

**RESUMO**

O presente trabalho realizado no âmbito da unidade curricular - Teoria da relações internacionais - 4º Ano procura identificar os efeitos das Globalização no Sistema Político Internacional. Para tal, é primeiro definido o conceito de Sistema Político Internacional, partindo do conceito de Sistema para chegar à definição de Kenneth Waltz, inserida no Realismo Estruturalista, sendo ainda explorada a complexidade do sistema. Em seguida, é caracterizada a evolução do Sistema Político Internacional atual, desde a sua formação em conjunto com o Estado soberano até à Sociedade Internacional da atualidade. Finalmente, é definida a Globalização, identificando as suas causas, processos e efeitos. Ao relacionar ambos os conceitos definidos, cruzando-os com a evolução do atual Sistema Político Internacional, conclui-se que a Globalização não altera a natureza anárquica do sistema, mas diminui a importância do Estado como unidade do mesmo, e aumenta a sua interdependência. Adicionalmente, a Globalização torna obsoleto o Sistema Político Internacional como nível de análise, ao criar um Sistema Global composto por entidades diversas, e centrado nas suas interações.

**Palavras-chave:** Sistema Político Internacional; Globalização; Sociedade Internacional; Sistema Global; Estado Globalizado.

---

<sup>1</sup> Contacto: Email – [arturjorge.varanda@hotmail.com](mailto:arturjorge.varanda@hotmail.com)

Recebido em 04 de julho de 2015 / Aceite em 10 de setembro de 2015

## ABSTRACT

The present essay identifies the effects of Globalization on the International Political System. To do so, it first defines the concept of International Political System, departing from the general concept of System to arrive at Kenneth Waltz's definition, inscribed in Structural Realism. The Complexity of the International Political System is also explored. Second, it characterizes the evolution of the current International Political System, since its formation from the first sovereign states until the present day International Society. Finally, it defines Globalization, identifying its causes, processes and effects. By connecting both concepts with each other, and with the evolution of the atual International Political System, it is concluded that Globalization doesn't alter the anarchic nature of the system, but diminishes the importance of the state as its main unit and increases its interdependence. Globalization also obsoletes the International Political System as a level of analysis, by enabling a Global System comprised of different entities, and centered on their interactions.

**Keywords:** International Political System; Globalization; Complexity; Global System; Globalized State.

## 1. INTRODUÇÃO

Imaginemos um charco: este tem uma forma irregular, pelo que algumas das suas zonas estão mais isoladas que outras. Consideremos agora os habitantes desse charco: os diferentes habitantes interagem numa série de cadeias, algumas circunscritas a uma área, outras comuns a todo o charco, e quando existe uma perturbação na superfície da água todos os habitantes a sentem. Agora imaginemos que o charco se torna cada vez mais pequeno. Os sistemas de interações locais e globais começam a confundir-se, e qualquer perturbação na superfície é sentida mais rapidamente e com maior intensidade pelos seus habitantes. Não é difícil entender que o «charco» é uma metáfora para o nosso mundo, e que o seu decréscimo de tamanho procura modelar a globalização.

Sentimos a globalização como o globo que entra continuamente dentro das nossas vidas: diariamente interagimos com produtos feitos a milhares de quilómetros de distância e com culturas e idiomas diferentes através dos *media*, e somos afetados, através do «efeito dominó», por cadeias de eventos com origem noutros estados, noutras regiões do globo. Parece por vezes que interagimos diretamente com o mundo. E os Estados? No mundo da globalização, a política parece por vezes um anacronismo, e o estado um apêndice que irá acabar por desaparecer. Se conseguimos interagir com facilidade com entidades muito distantes fisicamente, o Estado é relegado a intermediário inútil. No entanto, ainda estamos habituados à ideia de pertença a um estado-nação, e exemplos da sua ação também nos surgem

continuamente. Este está associado a um espaço físico e a um povo com uma cultura. A ele está também associado um centro de poder político que procura a segurança e o bem-estar dos seus cidadãos, e que para isso os representa perante outros estados. Por estas razões grande parte das nossas interações continua a ser com estado ao qual pertencemos. Da mesma forma, as interações entre estados e outras entidades políticas continuam a dominar as notícias, e a afetar diariamente as nossas vidas. Da guerra, vista pela escola realista como a mais importante das interações entre entidades políticas, Alvin Toffler refere:

*“Today’s wars will affect the price of gasoline in pipelines, the price of food in supermarkets, and the price of securities on the stock exchange. They will also disrupt the ecological balance and push their way into every one of our homes by way of the television screen”* (Alvin Toffler citado por Morris: 2015).

Imposto a um mundo de indivíduos que cada vez mais interagem entre si, está um sistema de entidades políticas que interagem com eles e que também interagem entre si, em prol da segurança e bem estar desses mesmos indivíduos.

Assim, parece paradoxal um mundo em que os indivíduos de todas as suas regiões tendem a interagir diretamente nos âmbitos económico e cultural, mas em que os estados continuam a ser os principais atores na esfera política. Sendo assim, que alterações é que o sistema de estados está a sofrer com a globalização? É a partir desta tensão que surge este artigo.

O objetivo deste estudo é, com base em pesquisa bibliográfica, analisar os efeitos da Globalização no Sistema Político Internacional.

Para o fazer, partimos de um extremo: definimos o Sistema Político Internacional em abstrato segundo a perspectiva neorealista, procurando definir as suas unidades constituintes, (haverão outras para além dos Estados?), e sua estrutura, bem como o vocabulário que utilizaremos durante o artigo. De seguida, analisamos a evolução desse sistema à luz da escola inglesa, procurando identificar a sua tendência de evolução. Finalmente, servimo-nos de novas abordagens para entender quais os efeitos da globalização, e se estes explicam ou não a evolução recente do “Sistema Político Internacional”.

## **2. O SISTEMA POLÍTICO INTERNACIONAL**

Em primeiro lugar, há que definir claramente o nosso objeto de estudo. Para Kenneth Waltz, o Sistema Político Internacional é o resultado das interações de unidades políticas inscritas numa estrutura internacional (Waltz, 1979: 40). Para ele, uma abordagem sistémica é necessária no estudo das relações internacionais, uma vez que vários efeitos ao nível internacional não têm apenas origem nas entidades que

o compõem, mas também no sistema em si (1979: 68)<sup>2</sup>. Os avanços tecnológicos, o balanço de poder no sistema, condições económicas: todos são exemplos de mudanças no sistema que afetam as ações dos seus componentes sem partirem necessariamente de um deles.

Assim, para estudar um sistema não basta conhecer os seus elementos: é necessário estudar também o comportamento e a estrutura do sistema em si, que emergem das interações entre esses elementos<sup>3</sup>. Ao procurar entender a abordagem sistémica de que Waltz refere, estamos à procura de princípios comuns a todos os sistemas que nos podem ajudar durante a análise do Sistema Político Internacional: partimos assim do caso geral (sistema), para o particular (Sistema Político Internacional).

Segundo o Dicionário Merriam-Webster, um sistema é um grupo de elementos, interdependentes ou que interagem regularmente, que formam um todo unificado<sup>4</sup>. É a Teoria Geral dos Sistemas<sup>5</sup> que investiga os princípios comuns a todas as entidades complexas e os modelos, (geralmente matemáticos), que podem ser utilizados para os descrever (Heylighen & Joslyn, *What is Systems Theory?*: 1992).

Adams *et al* contribuíram para o estudo dos sistemas ao procurar definir a Teoria como um sistema de sete axiomas<sup>6</sup>, cuja base é o axioma da Centralidade. Este descreve as características básicas dos sistemas a partir de dois pares de proposições. É no primeiro par que estão contidos os princípios da Emergência e da Hierarquia (Adams, Hester, Bradley, Meyers, & Keating, 2013: 116). Segundo o princípio da Emergência, o Sistema tem propriedades que só fazem sentido quando atribuídas ao todo. Essas derivam das suas partes, mas não podem ser reduzidas a estas (Checkland, 1993 *citado por* Adams, Hester, Bradley, Meyers, & Keating, 2013: 117). Já o princípio da Hierarquia indica que todas as entidades que podem ser tratadas como um todo são compostas por outras entidades que são todos. As propriedades emergentes denotam os níveis de análise (Idem: 117). Em suma, num sistema, o todo é maior do que a soma das suas partes, e cada parte constitui ela própria um outro todo.

---

<sup>2</sup> *"In the history of international relations, however, results achieved seldom correspond to the intentions of actors. Why are they repeatedly thwarted? The apparent answer is that causes not found in their individual characters and motives do operate among the actors collectively. Each state arrives at policies and decides on actions according to its internal processes, but its decisions are shaped by the very presence of other states as well as by interactions with them"* (Waltz, 1979: 65).

<sup>3</sup> *"According to reductionism, the laws governing the parts determine or cause the behavior of the whole. This is "upward causation": from the lowest level to the higher ones. In emergent systems, however, the laws governing the whole also constrain or "cause" the behavior of the parts"* (Heylighen, *Basic Concepts of the Systems Approach*: 1998).

<sup>4</sup> "System: a regularly interacting or interdependent group of items forming a unified whole" (Merriam-Webster Dictionary: 2015).

<sup>5</sup> A Teoria dos Sistemas desenvolveu-se em meados dos anos 50 do século XX pelo biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy, como sendo o estudo transdisciplinar da organização abstrata de fenómenos, independentemente da sua substância, tipo ou escala espacial ou temporal (Heylighen & Joslyn, *What is Systems Theory?*: 1992).

<sup>6</sup> Uma estrutura que respeite os sete axiomas é necessariamente um sistema.

Através destes princípios, podemos descrever todo o tipo de sistemas, desde sistemas criados pelo Homem, com um estado de equilíbrio definido, e com interações e componentes facilmente identificáveis até entidades altamente complexas e imprevisíveis, como os neurónios no encéfalo, um formigueiro ou uma população humana. Este último grupo de sistemas não lineares, complexos e caóticos é estudado pela Teoria da Complexidade<sup>7</sup>. Num sistema complexo, regras simples dão a cada agente<sup>8</sup> um grau de liberdade para atuar, causando relações não-lineares de causa-efeito e um comportamento imprevisível e complexo do sistema (Jones: 2003). Adicionalmente, as interações entre os agentes são mais críticas que os próprios agentes (Idem, 2003).

Finalmente, Cudworth e Hobden identificam neste tipo de sistemas quatro princípios: auto-organização (padrões/ordem emergem a partir de interações caóticas ente os agentes), não-linearidade (o mesmo estímulo pode provocar respostas diferentes), abertura (o sistema não tem equilíbrio estático) e coevolução (os agentes do sistema estão em constante adaptação) (2010 *citados por* Glover: 2012).

Compreendemos agora a importância da estrutura do Sistema Político Internacional de Waltz, e como é que esta pode emergir a partir do comportamento dos seus agentes. No entanto, ainda não conhecemos realmente a natureza desse sistema: quais os seus agentes? Como são as suas interações? Como é a sua estrutura? Só assim podemos conhecer realmente o Sistema Político Internacional.

Começamos pelas unidades do Sistema Político Internacional: apesar de reconhecer que não são os únicos atores no sistema, os Estados-Nação são para Waltz os principais atores do Sistema Político Internacional (1979: 93), pois todos os outros atuam em função deles<sup>9</sup>. Também Abel Cabral Couto assume que os Estados são os principais atores do Sistema Político Internacional, ladeados por outros atores territoriais, organizações internacionais e organizações transnacionais (1988: 20). Para ele, o Sistema Político Internacional é “*um conjunto de centros independentes de decisões políticas que interatuam com uma certa frequência e regularidade*” (Idem,: 19).

---

<sup>7</sup> “Complexity theory is a relatively new field that began in the mid-1980s at the Santa Fe Institute in New Mexico” (Chan: 2001); “In general, the complexity of a system emerges from the interactions of its interrelated elements as opposed to the characteristics of those elements in and of themselves” (Santa Fe Institute: 2013).

<sup>8</sup> Nos sistemas complexos, o agente é um elemento do sistema capaz de atingir um objetivo ou de produzir um resultado através da interação com outros agentes e com um ambiente mais passivo (Santa fe Institute, 2013).

<sup>9</sup> “So long as the major states are the major actors, the structure of international politics is defined in terms of them. That theoretical statement is of course borne out of practice. States set the scene which they, along with nonstate actors, stage their dramas or carry on their humdrum affairs” (Waltz, 1979: 94).

Quanto à estrutura de um sistema, esta é definida pela posição dos seus elementos entre si e pelo princípio que gera essas posições (Waltz, 1979: 80). Para Waltz, o Sistema Político Internacional têm uma estrutura própria, decomposta em Princípio Ordenador, Caráter (função) das Unidades e Distribuição de Capacidades pelas Unidades (Tabela 1).

**Tabela 1** – Estrutura do Sistema Político Internacional (Adaptado de Waltz, 1979: 88-101)

<b>Princípios Ordenadores</b>	<i>“Structures are defined, first, according to the principle by which a system is ordered”.</i>	Os Estados atuam para garantir a sua sobrevivência.
<b>Caráter das Unidades</b>	<i>“Structures are defined, second, by the specification of functions of differentiated units”.</i>	Os Estados têm funções semelhantes.
<b>Distribuição de Capacidades</b>	<i>“Structures are defined, third, by the distribution of capabilities across units.”</i>	Os Estados são diferenciados de acordo com o seu poder.

O que resulta desta estrutura é um sistema anárquico<sup>10</sup>, que muda consoante muda a distribuição de poder entre as suas unidades, podendo ser classificado quanto à sua polaridade<sup>11</sup>. Nele, unidades semelhantes, os estados, interagem entre si seguindo um único princípio ordenador: garantir a sua sobrevivência. Por esta razão, podemos argumentar que o Sistema Político Internacional é um sistema complexo: com um equilíbrio mutável<sup>12</sup>, sem relações lineares de causalidade e em constante evolução, em que uma estrutura que traduz equilíbrios de poder complexos emerge a partir do comportamento de cada estado. Classificar o Sistema Político Internacional como complexo traz também uma última implicação: compele-nos a admitir que as interações entre agentes são mais importantes do que os próprios agentes: esta é a abordagem das Relações Internacionais Complexas, que descrevem o padrão complexo de interações como «vida internacional»<sup>13</sup>. Será que este pressuposto é verdadeiro? Para averiguar, há que entender a evolução do Sistema Político Internacional.

<sup>10</sup> *“In anarchic realms, like units coact. In hierarchic realms, unlike units interact. In an anarchic realm, the units are functionally similar and tend to remain so”* (Waltz, 1979: 104).

<sup>11</sup> *“A polaridade refere-se ao número de atores e à distribuição de capacidades entre estes e, desta maneira, é um indicador da estrutura do sistema”* (Dougherty e Pfaltzgraff Jr., 2003: 156 citados por Mendes Dias: 2007). Se um ator ou um conjunto de atores formam um «pólo», o seu desaparecimento altera significativamente a estrutura do sistema (Evans & Newnham, 1998, p. 34). Daqui vêm as classificações de sistema unipolar, bipolar ou multipolar.

<sup>12</sup> Podemos também argumentar que este equilíbrio está associado ao conceito de equilíbrio de poder (balance of power): *“From the theory, one predicts that states will engage in balancing behavior, whether or not balanced power is the end of their acts. (...) The expectation is not that a balance, once achieved, will be maintained, but that a balance, once disrupted, will be restored in one way or another. Balances of power recurrently form. Since the theory depicts international politics as a competitive system, one predicts more specifically that states will display characteristics common to competitors (...)”* (Waltz, 1979: 128).

<sup>13</sup> *“Exponents of CIR [Complex International Relations] theory define the pattern of international life as a complex adaptive system (CAS). This suggests that: (i) it is not a cluster of unrelated activities but an interconnected system; (ii) that this is not a simple system, but a complex one; (iii) the interconnectedness between the parts of the system is not unchanging, but constantly self-organizing—that is, it is their capacity to cope with new challenges that makes the system adaptive”* (Kavalski, 2007: 444)

### 3. A EVOLUÇÃO DO SISTEMA POLÍTICO INTERNACIONAL

Como surgiu o Sistema Político Internacional? Começemos por recordar a definição de Sistema Político Internacional do General Cabral Couto. Para ele, “*se a interação entre as organizações independentes não é frequente e regular, não poderemos falar num sistema: por exemplo, no século XV a China e os Estados da Europa não eram partes de um mesmo sistema internacional*” (1988: 20). Esta é a nossa primeira «pista» quanto à importância das interações: sem interações regulares entre elementos, não pode existir um sistema.

Assim, quando as interações entre estados são suficientemente regulares, emerge um sistema. Mas o que acontece se densidade e velocidade das interações continuar a crescer num dado sistema? Mesmo num sistema anárquico dominado pelo princípio do interesse próprio, como o de Waltz, a interação intensa e regular torna necessária a criação de um conjunto de convenções que facilitem a comunicação e negociação entre unidades do sistema, o que desencadeia o seu reconhecimento mútuo (Buzan, 1993: 342). Nesse caso, Barry Buzan, (oriundo da Escola Inglesa de Relações Internacionais), afirma que a partir de um Sistema (Político) Internacional emerge uma Sociedade Internacional, quer pela existência de uma cultura partilhada<sup>14</sup>, como no caso do Mundo Greco-Romano, quer pela convergência de objetivos políticos<sup>15</sup> (Buzan, 1993: 330-336).

A Sociedade Internacional, (conceito central da Escola Inglesa), é uma associação de comunidades políticas distintas que aceita alguns valores comuns, regras e instituições (Armstrong, 2011: 37). Numa Sociedade Internacional, a estrutura anárquica do sistema é acompanhada por um conjunto de convenções que surgem para facilitar as interações entre unidades.

O exemplo marcante de Sociedade Internacional é aquela que emergiu na Europa a partir da Paz de Vestfália (1648), que pôs fim à Guerra dos 30 Anos e deu origem ao princípio da soberania<sup>16</sup>, e que por sua vez assinala o aparecimento dos Estados-Nação modernos. Antes da Paz de Vestfália, os vários sistemas internacionais existentes<sup>17</sup> eram ou dominados por uma unidade muito poderosa (como o Império Romano), por

<sup>14</sup> Esta é a via Civilizacional (*Gemeinschaft*): “*We must assume that a states-system [i.e., an international society] will not come into being without a degree of cultural unity among its members*” (Wight, 1977: 33 citado por Buzan, 1993: 333)

<sup>15</sup> Esta é a via Funcional (*Gesellschaft*): “*Bull posits three elementary goals as basic to any society: (1) some limits on the use of force, (2) some provision for the sanctity of contracts, and (3) some arrangement for the assignment of property rights. The idea is that mutual self-interest will push leaderships into pursuing common objectives in these three areas and thus into constructing an international order [society]*” (Bull, 1977: 4-5 citado por Buzan, 1993: 334-335)

<sup>16</sup> A Paz de Vestfália estabeleceu o direito dos Estados Alemães fazerem a sua própria diplomacia; foi também estabelecido que eles eram iguais internacionalmente. O facto de terem sido as nações europeias a estabelecerem os termos do tratado representa a perda da autoridade supranacional do Papado para regular as relações entre entidades políticas (Armstrong, 2011: 43).

<sup>17</sup> Antes dos Descobrimentos (séculos XV-XVI), a inexistência de contacto regular entre unidades políticas significa que ainda não era possível falar num único Sistema Internacional (Buzan, 1993: 331).

autoridades supranacionais (como o Papado durante a Europa Medieval) ou formavam sociedades internacionais rudimentares (como a Grécia Antiga) (Armstrong, 2011: 37-38). Na ordem pós-Vestfália, a soberania dos estados significou simultaneamente a criação de um sistema de estrutura anárquica, de unidades iguais regidas pelo próprio interesse, e dos alicerces de uma Sociedade Internacional de matriz europeia baseada no reconhecimento mútuo e na aceitação de um conjunto de convenções.

A evolução do sistema de estados europeus foi acompanhada pelo fortalecimento da sociedade por eles formados. O final das Guerras Napoleônicas trouxe uma ordem multipolar rígida, dominada pelas grandes potências<sup>18</sup> no chamado Concerto da Europa<sup>19</sup>. A estas juntaram-se as antigas colônias, e depois os estados mais desenvolvidos, como o Japão, no alargamento da Sociedade Internacional<sup>20</sup>. O Concerto multipolar sofreu, a partir de 1890, uma bipolarização, de forma que quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial (1914), a configuração do sistema era rigidamente bipolar, dividida em duas alianças<sup>21</sup>.

Com o final da Primeira Guerra Mundial, surge um marco importante na evolução da Sociedade Internacional: a Liga das Nações. A Liga representava uma tentativa de construir uma verdadeira Sociedade Internacional que regulasse as relações entre estados, e ao contrário do Concerto da Europa, não incluía apenas estados europeus. Um dos objetivos principais era evitar as guerras através do princípio da segurança coletiva: todos estados-membro concordavam em unir-se contra qualquer estado que praticasse um ato de agressão contra outro. Segundo o presidente americano Woodrow Wilson, fora o *Balance of Power* o responsável pela Primeira Guerra Mundial, e daí o ênfase no conceito de segurança coletiva (Armstrong, 2011: 44). A experiência da Liga das Nações acabou por falhar, e o *Balance of Power* continuou a principal garantia da paz entre estados (Armstrong, 2011: 45). Quando este falhou, eclodiu a 2ª Guerra Mundial, em 1939.

O final da Segunda Guerra Mundial (1945) trouxe consigo a fundação da ONU (Organização das Nações Unidas), com o objetivo de manter a paz e segurança entre as nações, e de promover a cooperação internacional (Organização das Nações Unidas, 2005). Inicialmente, a atuação da ONU foi dificultada pelo sistema bipolar muito rígido que caracterizou a Guerra Fria: se o *Balance of Power* entre as superpotências ajudou a manter a paz, especialmente na Europa (Armstrong, 2011: 45), a sua influência era de tal ordem que impediu a atuação da ONU. Após

<sup>18</sup> “Prússia, da Rússia, da Áustria e da Grã-Bretanha, a que se juntou a França” (Mendes Dias, 2007: 33)

<sup>19</sup> “O Congresso de Viena (de outubro de 1814 a 9 de junho de 1815) trouxe à luz a solução para os problemas que se colocavam à Europa, à altura; a ordem dos Estados-Nação assentou num Sistema Internacional multipolar” (Mendes Dias, 2007: 33)

<sup>20</sup> “Há dois séculos, os Estados Unidos entraram no sistema bem como, algumas décadas depois, e pelo menos formalmente, as repúblicas latino-americanas. O Império Otomano e o Japão foram, por sua vez, os primeiros Estados não ocidentais a serem admitidos no sistema de Estados [Sociedade Internacional]” (Dougherty e Pfaltzgraff Jr., 2003: 42 citados por Mendes Dias, 2007: 32)

<sup>21</sup> “As «triplas» Entente (Grã-Bretanha, França e Rússia) e Aliança (Alemanha, Áustria-Hungria e Itália), que bipolarizaram a estrutura entre 1907 e 1914” (Mendes Dias, 2007: 33-34).

a dissolução da União Soviética, o sistema unipolar resultante<sup>22</sup> permitiu à Organização uma atuação muito mais abrangente. Sobre o momento da História em que vivemos, Armstrong caracteriza-o como o primeiro em que em que o princípio da igualdade soberana entre estados é a norma legal central no mundo inteiro. Em troca desta ordem, os 193 estados da ONU concordaram em restringir seriamente o uso da força militar e em promover o respeito pelos Direitos Humanos (2011: 46). No entanto, o estado atual desta Sociedade Internacional levou Armstrong a levantar cinco questões (ideias) sobre as tendências para a sua evolução futura (2011: 46-47):

- A Globalização dissolve as identidades sociais tradicionais; as normas internacionais tenderão a centrar-se nos direitos dos indivíduos, e não nos dos estados;
- O final da Guerra Fria causou o colapso de muitos estados; as ameaças à segurança mundial surgem agora principalmente *dentro de* em vez de *entre* estados;
- O poder americano é atualmente superior a qualquer outra entidade, mas tem limites; dada a sua posição central no processo de Globalização, um enfraquecimento do poder americano teria implicações para a evolução desse processo;
- Há uma tendência crescente nos estados menos desenvolvidos para rejeitar os valores do processo de Globalização como parte da estratégia imperialista ocidental;
- O crescente envolvimento das organizações internacionais, transnacionais e dos estados desenvolvidos nos assuntos internos dos menos desenvolvidos (ambiente, pobreza) constitui um desafio à soberania dos Estados.

Retomemos por fim à visão geral da evolução do Sistema Político Internacional: identificamos uma tendência para o aumento do número e frequência das interações entre os atores do sistema; por sua vez, a Escola Inglesa mostra como esse aumento das interações levou à criação da Sociedade Internacional atual. Será que a questões levantadas por Armstrong sobre o futuro próximo são apenas efeito do aumento das interações entre estados, ou será que há mais processos em jogo?

#### 4. A GLOBALIZAÇÃO

*“Globalization is most simply (or simplistically!) defined as the process of increasing interconnectedness between societies such that events in one part of the world increasingly have effects on peoples and societies far away”* (Baylis & Owens, 2011: 8).

---

<sup>22</sup> “podemos dizer que o Sistema é unipolar de hegemonia, não-arrogante (conjuntural). O pólo é os Estados Unidos da América, ancorados no dinamismo da sua economia, na sua capacidade científico-tecnológica (domínio tecnológico), que influi de forma decisiva na capacidade de projeção militar (global), no domínio das tecnologias de informação e na produtividade” (Mendes Dias, 2007: 36).

Centremo-nos no conceito de processo<sup>23</sup>: a Globalização é um processo, que afeta um conjunto de atores numa dada escala temporal. O que caracteriza o processo de Globalização é o aumento das interações entre os atores do Globo, sejam eles estados, indivíduos ou outras organizações. Anthony McGrew define claramente o que entende por «aumento das interações»: para ele, esse aumento significa um aumento da extensão (espacial), magnitude e velocidade das interações, acompanhado de uma crescente interligação entre os níveis local e global (em que efeitos globais influenciam locais, e vice-versa) (McGrew, 2011: 18). Este aumento das interações é geralmente associado à atualidade, mas muitos autores consideram que a Globalização que sentimos é a última de um processo que abranje uma escala temporal maior (Baylis & Owens, Introduction, 2011: 9). McGrew identifica três Vagas de Globalização (2011: 23): a primeira, que engloba os Descobrimientos e a primeira expansão Europeia (1450-1850); a segunda (1850-1945), caracterizada por um aumento ainda maior da colonização e da influência europeia nas outras regiões do mundo; e uma terceira, a Globalização Contemporânea (a partir de 1945), tornada possível por desenvolvimentos na tecnologia e por uma maior interdependência económica.

Estas Vagas pretendem ilustrar como ao longo da história, a tendência sempre foi o aumento das interações entre elementos do sistema, mas vários autores assinalam a Globalização Contemporânea como uma nova era na evolução social e política da Humanidade, em rotura com as Vagas anteriores. Baylis *et al* apresentam uma série de oito argumentos que sustentam essa tese (tabela 2). Podemos considerá-los como uma lista de sintomas que indicam como a Globalização Contemporânea afeta decisivamente as áreas da economia, tecnologia, cultura e política, representando uma mudança de paradigma:

**Tabela 2** – Argumentos da globalização categorizados (Adaptado de Baylis & Owens, 2011, : pp. 10-11).

Categories:	Argumentos para a Globalização representar uma nova era da Política Global (Baylis & Owens, Introduction, 2011, p. 10)
<b>Economia</b>	A <b>velocidade da transformação económica</b> é tanta que os estados não conseguem controlar as suas economias; os estados são cada vez mais <b>interdependentes economicamente</b> ;
<b>Tecnologia</b>	<b>Revolução nas comunicações</b> ; comunicações eletrónicas alteram as noções do grupo social em que trabalhamos e vivemos;
	<b>Noções de Tempo cronológico e Espaço geográfico colapsam</b> devido à abrangência e velocidade dos <i>media</i> e das comunicações;
<b>Cultura</b>	Emergência de uma <b>cultura global</b> ; muitas áreas urbanas partilham uma cultura semelhante, emanada de <i>Hollywood</i> ;
	Um mundo mais <b>homogéneo</b> ; As diferenças entre as pessoas estão a diminuir;
	Desenvolvimento de uma <b>cultura cosmopolitana</b> global: <i>think globally, act locally</i> ;
<b>Política</b>	Emergência de uma <b>Política Global</b> , marcada por movimentos sociais e políticos transnacionais;
	Maior perceção de <b>Riscos Globais</b> (poluição, HIV, Terrorismo).

<sup>23</sup> Process: “a) a natural phenomenon marked by gradual changes that lead toward a particular result; (...) b) a series of actions or operations conducing to an end” (Merriam-Webster Dictionary, 2015).

A Globalização Contemporânea resulta da convergência de todas as áreas<sup>24</sup>, que interagem entre si para produzir o aumento das interações de que falámos inicialmente. Podemos mesmo modelar um processo de *feedback* positivo: maior interligação gera ainda maior interligação, num aumento quase «exponencial». Daqui resultam mudanças radicais na escala da organização política, económica e social: o mundo passa a ser um local social partilhado (*shared local space*) (McGrew, 2011: 18). McGrew termina a sua análise da Globalização ao discutir os seus efeitos no estado segundo os três vetores que emergiram da Paz de Vestfália: Territorialidade, Soberania e Autonomia (Tabela 3). Para McGrew a Globalização não significa necessariamente a obsolescência do estado soberano, mas admite que outros tipos de unidades, tais como organizações internacionais, tenham ganho importância, e obriga a que façamos uma mudança no nosso nível de análise, de um nível centrado no Estado para um que se centre em todo o sistema<sup>25</sup>.

**Tabela 3** – Comparação entre o Estado antes e depois da Globalização (Adaptado de McGrew, 2011: 23-24).

	<b>Estado-Nação</b>	<b>Estado Globalizado</b>
<b>Territorialidade</b>	Comunidades políticas com fronteiras fixas;	Fronteiras e território ainda importantes, mas transcendidos por uma nova geografia do poder político (redes transgovernamentais, Organizações Internacionais);
<b>Soberania</b>	Dentro das suas fronteiras, o Estado tem autoridade suprema e exclusiva;	A autoridade do Estado no seu território é partilhada com outras entidades (tais como Organizações Internacionais);
<b>Autonomia</b>	Estados como unidades autónomas de atividade política, económica e social; as fronteiras separam a esfera doméstica do internacional;	Os Estados colaboram e cooperam entre si para atingir objetivos domésticos; a autonomia do estado está comprometida pela crescente interdependência política e económica.

Finalmente, após analisarmos as alterações que a Globalização produziu no estado, o que é que ela não alterou? Apesar de tudo, o Estado continua a existir. Lamy assinala que é o Estado o principal agente que continua a zelar pelo nosso Bem-Estar e Segurança, e que continua a possuir o monopólio (legal) do poder coercivo (2011: 125). Por sua vez, o uso da força continua a ter importância, porque mesmo um estado globalizado age primariamente em prol dos seus interesses<sup>26</sup>.

<sup>24</sup> Para McGrew, três (Economia, Tecnologia e Política) das quatro áreas apresentadas na tabela 2 são os *Engines of Globalization*, responsáveis pelo aumento das interações e interligação.

<sup>25</sup> “Globalization requires a conceptual shift in our thinking about world politics from a principally state-centric perspective of geocentric or global politics – the politics of worldwide social relations” (McGrew, 2011, : pp.29)

<sup>26</sup> “The most effective tool of statecraft is still force or the threat of force and, even in these times of globalization, states must continue to look after their own interests. All states, in the language of the neo-realists, are egoistic value maximizers” (Lamy, 2011: 124).

Em suma, podemos ver o processo de Globalização como um aproximar dos diferentes sistemas (político, económico, social), que liga todos os componentes numa rede densa de interações que só se torna aparente no nível de análise global. Isto representa simultaneamente o culminar de uma tendência histórica, e também uma mudança de paradigma quanto à importância das interações.

## 5. CONCLUSÕES

Temos nas mãos dois extremos: por um lado, os neorealistas como Waltz, que definem o Sistema Político Internacional na sua forma mais abstrata, como um conjunto de unidades independentes, (cujas principais são os Estados), que interagem numa estrutura anárquica em prol do seu interesse próprio, como competidores. No outro extremo, a Globalização faz convergir os diferentes elementos e as diferentes áreas e níveis do sistema, interligando-os de tal forma que os Estados perdem parte da sua soberania. Temos nas mãos uma tese e a sua antítese; para chegar à sua síntese, a nossa conclusão, há que interpretar o Sistema Político Internacional no contexto da Globalização.

Quando Waltz modelou o Sistema Político Internacional, fê-lo de uma forma abstrata, centrando-se nas suas unidades e na sua estrutura. No entanto, através da nossa breve análise da Teoria da Complexidade, vimos como o Sistema Político Internacional pode ser considerado um Sistema Complexo. Nos Sistemas Complexos, uma ordem complexa emerge a partir de regras simples que modelam o comportamento dos agentes; assim, as interações são mais importantes que os próprios agentes.

Através da Escola Inglesa, vimos como o aumento dessas interações é suficiente para construir, em cima do Sistema anárquico de Waltz, uma Sociedade Internacional que aceita um conjunto de convenções acerca do relacionamento entre atores. A atualidade é, segundo Armstrong, o primeiro momento da História em que existe uma Sociedade Internacional que abrange todo o mundo.

Finalmente, vimos como a Globalização Contemporânea é o aumento recente da magnitude, velocidade e extensão das interações, e o aumento da interligação entre atores dos sistemas mundiais (económicos, sociais ou políticos). Neste período indentificamos efeitos que aparentemente rompem com o paradigma anterior do Sistema Político Internacional: interdependência entre estados e correspondente perda de soberania. E quanto aos princípios desse sistema, será que são alterados? A síntese que fazemos destas posições é a seguinte: a Globalização afeta os elementos do Sistema Político Internacional ao aumentar a sua interdependência e reduzir soberania dos estados, mas não altera sua a estrutura. Se a Sociedade Internacional é *construída* no topo do Sistema Internacional *anárquico*, a Globalização é *construída* no topo de uma Sociedade Internacional, em que a densidade de interações aumentou o suficiente para aproximar o nível de análise global ao local. No entanto, persiste a estrutura-base *anárquica*: os estados continuam a ser entidades políticas

funcionalmente iguais, diferenciadas pelo seu poder, que atuam para atingir os seus interesses. A importância da força coerciva nesta estrutura-base é tal que ação das organizações internacionais como a ONU, que tenderiam a ter uma posição política hierarquicamente superior aos seus estados-membro, só têm liberdade de ação com o consentimento destes, tal como o caso da ONU durante a Guerra Fria. Enquanto os Estados continuarem existir, a Globalização existe porque está no seu interesse: esta é a continuidade que referimos no título do artigo.

A rotura está na obsolescência do próprio Sistema Político Internacional como nível de análise. Apesar da continuada importância dos estados, qualquer ação sua afeta e é afetada por uma constelação de outras entidades, não apenas de caráter político ou económico, mas também por pessoas individuais. Houve durante a nossa História alturas onde pudemos ignorar todas estas entidades e dividir rigidamente as interações em (intra)nacionais e internacionais, considerando um Sistema Político Internacional composto por estados. Hoje, uma ação global tem impacto local, e ações locais têm cada vez mais impacto internacional, da mesma forma que ações políticas têm impacto económico e cultural, e vice-versa. A variedade das entidades é tanta, que o estudo das interações no mundo globalizado se deve centrar nelas. Isto requer que recorramos ao estudo da Complexidade para estudar as Relações Internacionais:

*“We must develop language to capture the fluidity and dynamism of contemporary global affairs. IR theory rooted in complexity will mean analyses of world affairs that focus on the patterns of interactions occurring within and between networks, rather than specific “agents” of world politics”* (Glover: 2012).

Apesar de reconhecermos a continuidade na estrutura-base do Sistema, a rotura está no Sistema em si e na forma como o analisamos: há que considerar hoje um único Sistema e um único nível de análise, que considere todas as interações e todas as redes de interdependência: o Sistema Global.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, K., HESTER, P., BRADLEY, J., MEYERS, T., & KEATING, C. (2013). *System Theory as the Foundation for Understanding Systems*. Old Dominion University, National Centers for System of Systems Engineering, Norfolk, United States of America. Obtido em 06 de abril de 2015, de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/sys.21255/abstract>
- ARMSTRONG, D. (2011). The Evolution of International Society. In J. Baylis, S. Smith, & P. Owens, *The Globalization of World Politics* (pp. 36-46). New York, United States of America: Oxford University Press.

- BAYLIS, J., & OWENS, P. S. (2011). Introduction. In J. Baylis, & P. S. Owens, *The Globalization of World Politics* (pp. 2-10). New York, United States of America: Oxford University Press.
- BAYLIS, J., Owens, P., & Smith, S. (Edits.). (2011). *The Globalization of World Politics*. New York, United States of America: Oxford University Press.
- BULL, H. (1977). *The Anarchical Society*. New York, United States of America: Columbia University Press.
- BUZAN, B. (1993). From International System to International Society: Structural Realism and Regime Theory Meet the English School. *International Organization*, 47(3), 327-352. Obtido em 02 de maio de 2015, de <http://www.jstor.org/stable/2706979>
- CABRAL COUTO, A. (1988). *Elementos de Estratégia*. Pedrouços: Instituto de Altos Estudos Militares.
- CHAN, S. (31 de outubro de 2001). *Complex Adaptive Systems*. Obtido em 14 de abril de 2015, de Massachusetts Institute of Technology: <http://web.mit.edu/esd.83/www/notebook/Complex%20Adaptive%20Systems.pdf>
- CHECKLAND, P. B. (1993). *Systems Thinking, Systems Practice*. New York, United States of America: Wiley.
- CLARK, I. (2011). Globalization and the post-cold war order. In J. Baylis, P. Owens, & S. Smith, *The Globalization of World Politics* (pp. 546-557). New York, United States of America: Oxford University Press.
- CUDWORTH, E., & HOBDEN, S. (2010). Anarchy and Anarchism: Towards a Theory of Complex International Systems. *Millennium: Journal of International Studies*, 399-416.
- DOUGHERTY, J., & PFALTZGRAFF Jr, R. (2003). *Relações Internacionais - As Teorias em Confronto*. Gradiva: Lisboa.
- EVANS, G., & NEWNHAM, J. (1998). *The Penguin Dictionary of International Relations*. Bury St. Edmunds, United Kingdom: Penguin Books.
- GLOVER, R. (21 de julho de 2012). *Compatibility or Incommensurability: IR Theory and Complex Systems Analysis*. Obtido em 13 de abril de 2015, de E-International Relations: <http://www.e-ir.info/2012/07/21/compatibility-or-incommensurability-ir-theory-and-complex-systems-analysis/>
- HEYLIGHEN, F. (14 de outubro de 1998). *Basic Concepts of the Systems Approach*. Obtido em 06 de abril de 2015, de Principia Cybernetica: <http://pespmc1.vub.ac.be/SYSAPPR.html>
- HEYLIGHEN, F., & Joslyn, C. (1 de novembro de 1992). *What is Systems Theory?* Obtido em 06 de abril de 2015, de Principia Cybernetica Web: <http://www.pespmc1.vub.ac.be/systheor.html>

- JONES, W. (October de 2003). *Complex Adaptive Systems*. (G. Burgess, & H. Burgess, Edits.) Obtido em 13 de abril de 2015, de Beyond Intractability: <http://www.beyondintractability.org/essay/complex-adaptive-systems>
- KAVALSKI, E. (2007). The fifth debate and the emergence of complex international relations theory: notes on the application of complexity theory to the study of international life. *Cambridge Review of International Affairs*, 435-454.
- LAMY, S. (2011). Contemporary mainstream approaches: neo-realism and neo-liberalism. In J. Baylis, P. Owens, & S. Smith, *The Globalization of world politics* (pp. 116-127). New York, United States of America: Oxford University Press.
- MCGREW, A. (2011). Globalization and global politics. In J. Baylis, P. Owens, & S. Smith, *The Globalization of World Politics* (pp. 16-29). New York, United States of America: Oxford University Press.
- MENDES DIAS, C. (2007). Caracterização do Sistema Internacional. *Proelium*, 27-44.
- MERRIAM-WEBSTER DICTIONARY. (2015). *Process*. Obtido em 03 de maio de 2015, de Merriam Webster Dictionary: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/process>
- MERRIAM-WEBSTER DICTIONARY. (2015). *System*. Obtido em 06 de abril de 2015, de Merriam-Webster Dictionary: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/system>
- MORRIS, V. (17 de setembro de 2015). *Grading Gerasimov: Evaluating Russian Nonlinear War Through Modern Chinese Doctrine*. Obtido de Small Wars Journal: <http://smallwarsjournal.com/jrnl/art/grading-gerasimov-evaluating-russian-nonlinear-war-through-modern-chinese-doctrine>
- WALTZ, K. (1979). *Theory of International Politics*. Reading, Massachusetts, United States of America: Addison-Wesley Publishing Company. Obtido em 13 de abril de 2015, de <https://pt.scribd.com/doc/40007016/Kenneth-Waltz-Theory-of-International-Politics>

## **ARTUR JORGE ABREU VARANDA**

É Aspirante-Aluno de Artilharia do Exército Português e frequenta o Mestrado Integrado em Ciências Militares da Academia Militar. Encontra-se atualmente a concluir o Tirocínio para Oficial na Escola das Armas, em Mafra.

